

LILIAN PACHECO

**A Pedagogia Griô: educação,
tradição oral e política da
diversidade**

DIVERSITA, SÃO PAULO, a. 2., n. 3,
set. 2014 / mar. 2015

Dossiê Pedagogia Griô



1010 Griô
Escritas

As bases sociais da nova tendência da educação não se concentram em pesquisas de autores acadêmicos isolados, mas na espontaneidade criativa e vivencial de autores, grupos de pesquisa e estudo, grupos de ação comunitária, movimentos sociais que se reencantam e produzem de forma compartilhada, interdisciplinar, transdisciplinar e em rede; não se aplica apenas na área de educação, pelo contrário, reivindica a transversalidade cotidiana entre cultura e educação, cultura viva e vivida enquanto cidadania, cultura da diversidade da vida e dos povos, revisando o conceito de cultura da economia e de cultura da política. Com estas e outras transformações históricas, nasce o que chamo de tendência da educação comunitária e com ela a Pedagogia Griô.

Palavras-chave: Educação — Griô — Tradição Oral

A Pedagogia Griô: educação, tradição oral e política da diversidade¹

Lílian Pacheco*

* Lílian Pacheco, educadora biocêntrica, facilitadora de biodança, escritora e poeta; criadora da Pedagogia Griô; idealizadora e coordenadora pedagógica do projeto institucional Grãos de Luz e Griô, Lençóis-BA e dos projetos Ação Griô Nacional, Trilhas Griôs Chapada Diamantina e Universidade Griô. Primeiro lugar nacional no prêmio Itaú-Unicef; primeiro lugar nacional no prêmio Democratização Cultural, destaque nacional no prêmio Cultura Viva; assessora da Comissão Nacional dos Griôs e Mestres e da Rede Ação Griô na sistematização da Lei Griô Nacional. Escritora, organizadora e produtora dos livros Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida, O Mito do Diamante, Nação Griô: o parto mítico da identidade do povo brasileiro, O Amor e a Amora: as lutas de uma mulher com deus e de roteiros de aula espetáculo e vídeos apresentados em festivais locais, regionais, nacionais e internacionais, co-coordenadora do Projeto de Curso de Extensão e Pós Graduação na Pedagogia Griô e Produção Partilhada do Conhecimento - Diversitas - USP. E-mail: graosdeluzegrio@gmail.com, tel: (75) 3534-1040; cel: (75) 9215-3581.

Introdução

A

Pedagogia Griô
apresentada
aqui como a
concebemos
nos últimos

dezesseis anos, está
sistematizada, inicialmente, por
sua história e fundamentação
teórica(1), justificando as
reflexões e angustias do ponto
de vista de uma educadora

interiorana. Depois, a localizamos em gráficos das tendências pedagógicas(2) dos últimos séculos. Assim, seguimos para as perguntas fundamentais(3) que a caminhada sensível nas comunidades nos ensinou a perguntar e responder com o que chamamos de reinvenção da roda. Este subtítulo do livro que lançamos em 2006, é um desafio e só quem vivencia a Pedagogia Griô, e seu profundo compromisso teórico-metodológico com os sentidos dos afetos, do silêncio e do poder da palavra Griô, compreenderá que estamos reinventando a roda e invertendo a estratégia epistemológica. Assim apresentamos o conceito da pedagogia(4), que vem sendo revisado nos últimos anos e declaramos nosso sistema de crenças, os princípios(5).

A seguir, aprofundamos o conceito da pedagogia, esclarecendo, brevemente, as palavras geradoras deste(6). Mas não é suficiente entender fundamentos, princípios e conceitos de uma pedagogia. Como vamos realizá-los numa prática fundada na oralidade? Desenhamos os modelos de ação pedagógica(7), que também possuem palavras geradoras que precisam ser esclarecidas para leitura e ação diante do seu objeto principal de estudo - a identidade, a ancestralidade e a celebração da vida. Ao compreender os modelos, podemos partir para sua aplicabilidade facilitadora de vivências afetivas e culturais, que tem referência no que chamamos de ritual de

vínculo e aprendizagem(8), base para todas as práticas da Pedagogia Griô.

História e fundamentação teórica da Pedagogia Griô

Em nome dos meus ancestrais, peço a bênção à minha vó Teté, neta de índia caçada no mato da Chapada Diamantina, guerreira que pariu vinte filhos em sua casa com parteiras tradicionais da sua comunidade rural a 90 Km de Lençóis, Bahia. Sou Lillian Pacheco, moro em Lençóis, Chapada Diamantina, Bahia, busco ser uma pensadora, escritora e educadora aprendiz, interiorana de ancestralidade indígena e negra. Busco ser uma mulher cheia de esperança na família e na comunidade, livre do mal estar do fundamentalismo religioso, do consumo e dos preconceitos de gênero e raça. Busco participar da construção do conceito e da vivência da democracia. Busco o caminho da expressão da identidade e vinculação com a ancestralidade, por uma cultura e uma educação a favor das forças originárias da vida. Busco uma luta revolucionária e comunitária, que se organiza como movimento afetivo, cultural e político de protagonismo, libertação e reinvenção do corpo e do povo, com sua tradição oral e contemporaneidade para enfrentar as tensões, os rompimentos, e os diálogos possíveis entre a

cultura hegemônica e a cultura contra-hegemônica que vivemos hoje no mundo e está nos fundamentos da história, da reflexão e criação da Pedagogia Griô.

Somos diversos educadores, coordenadores de projetos sociais, ativistas, militantes culturais, estudantes e pesquisadores com histórias que nos unem em mitos semelhantes, enfrentando as tensões, os rompimentos e os diálogos possíveis entre esses dois universos culturais, na busca de criar um novo mundo possível. Nasce-mos no interior do Brasil e da América Latina filhos de uma família pobre e inconscientemente excluída, netos de uma velha neta de índia caçada no mato a dente de cachorro pelos brancos europeus, netos de uma velha neta de uma negra que viveu a condição da escravidão pelos brancos europeus. Depois nos retiramos, nos desterramos para as cidades ou capital, para estudar. Crescemos adolescentes numa família sem consciência histórica de classe proletária ou média buscando inclusão social, geralmente, através do estudo. Pode ser esta ou qualquer outra história. O fato é que na juventude somos tão jovens como o Brasil e a América Latina, emergindo com ONGs, grupos, pontos de cultura, conselhos pelo desenvolvimento da democracia e a cidadania. Aprendemos sobre democracia nas lutas dos movimentos sociais que sobreviveram nas prisões, no exílio, na anistia e nos confrontos contra a ditadura da

geração antes de nós e que voltaram para nos levar para as ruas no Brasil, por exemplo, com as Diretas Já em 1984, com os Caras Pintadas em 1992 para o *impeachment* do presidente que elegemos, com a eleição do primeiro presidente de partido de esquerda no poder em 2003 e com o Movimento do Passe Livre para Todos que se transformou no maior Movimento pela diversidade em junho de 2013, sem lideranças partidárias, onde couberam todos os sonhos e utopias de uma democracia direta. Assim, vamos despertando, criando consciência crítica, histórica e política no meio acadêmico, nos movimentos sociais, em partidos políticos de esquerda, em seminários, congressos e nas ruas. São múltiplos os caminhos em direção a inclusão social, que se dá contraditoriamente por uma opção de exclusão social. Por que buscamos nos excluir?

Olhamos o mundo, alargamos o sentimento da vida, nos encorajamos e refletimos grandes questões existenciais: era neste mundo que sonhei me incluir? Qual é o referencial da inclusão? Descobrimos que o conceito de inclusão e exclusão, que está institucionalizado na verdade, se referem ao mundo da cultura hegemônica, ou seja, que o processo de inclusão social deve se assimilar a esta cultura. Assim queremos voltar, sonhamos com a reconstrução de outro mundo possível agora e aqui na nossa terra, na nossa casa de origem, previmos a possi-

bilidade de uma democracia direta numa célula viva da realidade social, a partir da vivência em nossa comunidade. Percebemos que todo excluído da cultura hegemônica constrói sua cultura e espaço de inclusão que se dá como cultura contra-hegemônica. Descobrimos que podemos participar da construção de espaços e movimentos culturais comunitários de reinvenção social, espaços contra-hegemônicos pela transformação social, contra o racismo, a homofobia, a intolerância religiosa, os preconceitos de gênero, a pobreza, a baixa qualidade da educação pública, o consumismo, o desenvolvimento econômico em detrimento da natureza ou de comunidades tradicionais.

Quando chegamos de volta às nossas comunidades tradicionais, rurais, de periferia, de terreiros, de grupos culturais diversos, para trabalhar com um projeto social, cultural ou um projeto de pesquisa, ou como educadores com nossos planos de aula, nossos olhos se reencontram com os olhos de uma trabalhadora velha, simbolicamente nossa avó ancestral, sul americana, afro-brasileira ou indígena e sua família. Na maioria das histórias elas ocupam o centro da economia que sustenta e celebra a vida e, portanto, centro da organização social e produção da cultura tradicional de transmissão oral de sua comunidade.

Aqui, cabe mais uma reflexão: o que é cultura?

Compreendemos cultura não só como tudo aquilo que distingue o homem do seu ancestral selvagem. Aquilo que nasce da negação e da culpa por não poder expressar seus impulsos ou sua inocência primitiva e primordial no mundo, fazendo nascer a cultura como dominação da natureza e a consciência como abstração, repressão e sobrevoos do pensamento sobre o mundo. Cultura que se rende fácil como produto de mercado, de opressão e colonização.

Mas também compreendemos cultura como descoberta do nosso ancestral selvagem quando revela e incorpora novas categorias de movimento e gestos ao caminhar, dançar e lutar; quando amplia e diversifica a expressão do instinto animal, conecta-se olhos nos olhos e reflete-se no outro, descobrindo a subjetividade, a inter-subjetividade, as emoções e os sentimentos; quando se agrega e se separa em rituais e fazeres para enfrentar os grandes desafios e medos da humanidade fazendo história, sonho e loucura do seu dia a dia; quando derrama suor no labor neurofisiológico psicomotor e social de inventar e usar ferramentas com habilidades que canalizam os potenciais da natureza; quando resiste e reexiste criando símbolos, mitos, significados, linguagens, ciência e consciência de si, do outro e de seu lugar no mundo. Uma consciência guia que

nasce num espaço além da repressão e da culpa, que nasce no espaço da liberdade e da canalização da expressão do ser, que cria cultura como bem comum, que emerge do mergulho na vivência e na convivência do selvagem no mundo com novos, quiçá velhos e arquetípicos, culturalmente diversos, projetos de humanidade.

A humanidade pode nascer assim, de diversos caminhos míticos, desde a perda do paraíso, da vergonha e da culpa, reprimindo os impulsos eróticos ou afetivos do selvagem humano no mundo, até o desafio do paraíso, do êxtase e da inocência, ou do heroísmo de criar possibilidades infinitas de expressão, transmutação, sustentação, celebração e sacralização das forças originárias da vida animal e selvagem na busca da expressão da identidade e vínculo com a sua ancestralidade e celebração da vida.

O selvagem é o nosso personagem filogenético (diferenciação genética da espécie), mas temos nosso personagem ontogenético (processo existencial do ser), o indivíduo, a cada novo ser que aprende e cresce, buscando humanizar-se a partir da sua vivência e sua animalidade inocente infantil.

Portanto, estamos definindo um conceito de cultura como um processo de elaboração do conhecimento que parte da vivência e da consciência guia do selvagem no mundo no seu projeto existencial e coletivo de humani-

zação. Este processo de elaboração pode ser deflagrado por uma pedagogia que estude o potencial dos rituais, manifestações, ofícios, expressões religiosas, costumes e saberes das culturas orais contra-hegemônicas configurando caminhos vivenciais, afetivos, corporais inteligentíssimos e diversos de humanização. Configura uma epistemologia inversa daquela que se dá nos espaços da cultura hegemônica, dos incluídos, sendo esta uma cultura racional, que cultua o indivíduo, de dominação da natureza e da tradição escrita. Repetindo algo que retornará por diversas vezes neste texto: existem tensões, rompimentos e diálogos tão possíveis quanto necessários nestes processos de elaboração do conhecimento e da cultura.

Para esclarecer, voltemos à nossa história. Estamos de volta à comunidade, longe dos centros das cidades e das megalópoles, com uma pasta de formulários, gravadores e pesquisas de um projeto aprovado, diante de uma heroína do nosso cotidiano de criança – uma trabalhadora ancestral e sua família rural, de tradição oral, de periferia, indígena, negra.

E nossa heroína nos responde: – “Eu não sei de nada não, minha filha, eu sou analfabeta.” E nós não sabemos nem metade sobre ela. Por que ela responde que não sabe? Ficamos cientificamente, politicamente e emocionalmente angustiados, esvaziados, diante da heroína

que em nossa ancestralidade é a fonte do saber.

Este é um momento de reflexão fundamental para a invenção da Pedagogia Griô. A cultura hegemônica projeta o olhar do "incluído" refletido no olhar da heroína "excluída". É uma intersubjetividade óbvia e por outro lado velada, que se dá entre os dois, nos questionando:

- o incluído é aquele que conhece e o excluído é aquele que não conhece?;
- o excluído é visto pelo incluído como carente de cultura e conhecimento?;
- o incluído elege-se porta-voz e representante do conhecimento do excluído?;
- o excluído é ensinado e aprende a sonhar em ser o incluído?;
- o incluído busca a erudição e é ensinado a ver a cultura do excluído como do povo, popular, lendária, folclórica ou espetacular?;
- o incluído é o patrão e o pesquisador que emprega, diagnostica, registra, mapeia e publica o excluído?;
- o incluído confunde sua linguagem escrita como se fosse o próprio saber? E o excluído é identificado por uma negação de sua identidade, ou seja, analfabeto – não alfabetizado?;

- o incluído se coloca no lugar de sujeito da história e do conhecimento da comunidade?;
- o excluído assume o lugar de objeto da história e do conhecimento do mundo?;
- o incluído pensa que deve e pode resgatar o conhecimento e a cultura do excluído?;
- o incluído pensa que deve registrar os saberes do excluído, verificar cientificamente e publicá-los por escrito?;
- o excluído se sente invadido e colonizado pelo incluído?;
- o excluído nega a sua auto-estima ou nega o compartilhamento do saber com o incluído?;
- o excluído e o incluído negam-se reciprocamente?

As respostas a todas estas questões são simples por um lado. O pesquisador, coordenador de projetos, educador ou estudante se coloca como sujeito diante das comunidades tradicionais. O povo de tradição oral é visto como o objeto de seu trabalho. O primeiro chega com perguntas, instrumentos, linguagens e valores éticos e estéticos de tradição escrita, projetando-se como representante da cultura hegemônica, e pensa estar propondo resgate, contribuição e parceria com a tradição oral que se projeta como cultura contra-hegemônica. O primeiro pensa que entrevistar e registrar o

segundo é um ato de valorização. Diante de um diálogo proposto com o universo da tradição escrita, o segundo se coloca no lugar do não saber, ou no lugar de objeto, ou nega o compartilhamento. Projetam-se relações que estão impressas nos séculos de nossa história afro-indígena-brasileira entre o opressor e oprimido. Quem representa são papéis sociais óbvios, não há como fugir sem desafiar a identidade.

Por outro lado, as respostas são complexas, porque o corpo e o mundo cultural contra-hegemônico e hegemônico são os mesmos, a cultura está imersa num mundo hegemônico, e dentro dele busca diferenciação. Assim, as perguntas e contradições não param de se desdobrar sobre esta relação. Diversas culturas tradicionais de transmissão oral podem conservar conceitos, mitos e pré-conceitos da cultura hegemônica, que são excludentes, e por outro lado certas instituições e representantes de tradição escrita aprenderam a reinventar a cultura contra-hegemônica e novos conceitos de inclusão. Sobre que princípios, conceitos e processos de elaboração se fundam a cultura de um e de outro? Quem somos nós? Negros, índios, brancos? Quem representa quem agora? São papéis sociais velados e contraditórios, não mais óbvio e, desta vez, há como fugir mestiçando discursos, mas as forças da ancestralidade e da celebração da vida não deixam descansar a consciência política.

Para compreender este diálogo entre o excluído e o incluído na Pedagogia Griô, buscamos uma sistematização da dualidade entre cultura hegemônica e contra-hegemônica:

Cultura hegemônica

Dos grandes centros urbanos da cidade;
Da tradição escrita, das linguagens artísticas reconhecidas pela elite, da folclorização e da espetacularização da cultura;
Das instituições particulares de ensino e pesquisa, da cultura erudita, acadêmica, das tecnologias modernas, presente na grande mídia e nas grandes redes de programas proprietários;
Da razão e da higiene, da beleza associada ao estereótipo, ao padronizado e ao civilizado;
Das instituições do estado, dos grandes partidos políticos e da justiça institucional armamentista;
Dos grandes cartéis econômicos capitalistas, do fundamentalismo do consumo, do excesso e da carência;
Da competitividade desenvolvimentista, do neoglobalismo;
Do agronegócio, dos latifúndios;
Eurocêntrica, norte-cêntrica, estrangeira, importada, das línguas internacionais, da colonização, da neo-colonização;
A cultura do ter, da cidadania do consumidor, do branco, adulto e masculino;
Do culto à tecnologia;
Do fundamentalismo religioso cristão e muçulmano;

A cultura dos incluídos, da maioria NÃO absoluta, a cultura hegemônica.

Cultura contra-hegemônica

Da periferia urbana, do interior, dos guetos, da floresta, do sertão, da zona rural e ribeirinha e daqueles que não têm lugar;
Da tradição oral, das artes, saberes e fazeres do povo de um lugar vivencial e cotidiana dos povos;
Das organizações sócioeducativas, da produção partilhada do conhecimento, da erudição das comunidades, dos projetos de extensão, dos grupos de estudo interdisciplinares, das TVs e rádios comunitárias, da inclusão digital, das redes de conhecimentos e programas livres;
Da vivência das emoções e da corporeidade vivida, da beleza associada à diversidade, a criatividade e a natureza;
Das lideranças orgânicas, do associativismo comunitário;
Da economia comunitária e solidária, do empreendedorismo social, dos pequenos créditos, dos mutirões, das trocas, das moedas sociais, da cooperação, dos 4Rs (repensar, reduzir, reciclar, reutilizar), da sustentabilidade;
Ameríndia, afro-sul-americana, das línguas, comunidades e povos tradicionais, dos nativos; dos diálogos culturais, da interculturalidade;
A cultura do ser, da cidadania dos direitos humanos, da diversidade, das relações étnico-raciais positivas, indígena, negra, cigana, da criança, do jovem, do velho, das relações positivas de gênero, da população LGBT, do cuidado com a natureza;
Da diversidade religiosa;

A cultura dos excluídos, das minorias que são maiorias absolutas, a cultura contra-hegemônica.

Obviamente que a realidade não é em si mesma classificável e dual, é complexa, viva e pulsante. Conforme os itens da tabela anterior, a dualidade apenas identifica com que o pensamento humano se confunde. A Pedagogia Griô nasce destas relações entre o incluído e o excluído, deste campo aberto e infinito de dicotomias óbvias, contradições veladas, erros epistemológicos. E o foco de reflexão se dá nas dualidades propostas pelo pensamento da ciência e da cultura moderna, entre vivência e consciência, mente e corpo, popular e erudito, emoção e razão, instituição e comunidade, tradição e contemporaneidade, mito e realidade, identidade e ancestralidade, eu o outro e a totalidade. Historicamente, no mundo ocidental, a tradição escrita se tornou racionalista e hegemônica, porém o saber emerge do mundo da oralidade, da corporeidade e da vivência. A escrita não pode ser confundida com o saber, ela é uma linguagem de expressão, registro e elaboração. E é fato que a maioria dos incluídos não domina as linguagens e saberes do universo da tradição oral e a maioria dos excluídos não domina as linguagens e saberes do universo da tradição escrita, e que este fato define o lugar de incluído e excluído aos olhos da cultura hegemônica.

A angústia destas questões não é da educadora que aqui escreve, é do seu tempo. Também não gera apenas dicotomias e erros epistemológicos, é uma célula viva

do grande conflito mundial entre a cultura hegemônica incluída e a cultura contra-hegemônica excluída, garantindo a transmissão intergeracional de diversos problemas sociais, conflitos, intolerâncias, violências e guerras. Muitos deles completamente invisíveis ou indiferentes para a elite da cultura hegemônica. Mas no processo de criação da Pedagogia Griô, mesmo que a guerra não chegue a casa, ela se trava nas ruas do coração dos educadores.

Quantas culturas de tradições orais e línguas nativas ainda morrem por dia no mundo, com elas, a inteligência e sabedoria da diversidade da alma humana? Quantos líderes de comunidades ainda vão ser ameaçados, torturados ou morrer lutando pelo direito à sua terra, à sua água, às suas árvores, às suas pedras ou à sua religião? Quantas parteiras, e outros ofícios tradicionais, serão perseguidos pela indústria do mercado de consumo que cria tecnologias modernas que distanciam o ser humano da natureza? Quantos povos tradicionais ainda serão colonizados culturalmente e explorados economicamente? Quantas crianças de comunidades tradicionais terão ainda que se calar ou ter medo da repressão ou indiferença escolar à sua cultura, sua identidade e ancestralidade?

O diálogo não se dá e nunca se dará sem mediação e reeducação cultural. Não se dá e nunca se dará sem en-

frentar as tensões, indignações, angústias e rompimentos entre a cultura hegemônica e contra-hegemônica, que emergem das relações históricas e sociais entre o universo da tradição oral e da tradição escrita. É urgente uma postura política afetiva e cultural clara na educação.

No Brasil, os educadores e militantes culturais criaram a história de liberdade e autonomia, com leis que dão à escola e ao educador o direito, a alforria de criar seu projeto político pedagógico e às comunidades de terem sua história, cultura e identidade reconhecidas no meio da educação formal. Então, por que a maioria dos educadores continua reproduzindo uma educação e um currículo comprado na época da ditadura ou reflexo do projeto de embranquecimento do início do século XX? Ou da educação manipuladora da consciência das massas e formadora de operários para o mundo industrial e capitalista, ou ainda uma educação conservadora e religiosa herança do tempo da colonização portuguesa? Cheia de grades curriculares e tendências pedagógicas conteudistas e tecnicistas, disciplinas desintegradas, intolerância religiosa, rituais autoritários, racistas e simbolicamente repressores da identidade e da ancestralidade dos educadores e de seu povo. Uma educação que retirou o educando do centro de sua afeição e conhecimento. Por quê?

Porque a pedagogia retirou seu objeto de estudo do

centro da roda, deixou de cultivar a identidade humana. No centro temos conteúdos e não pessoas, muito menos a vida. Porque diversos educadores incorporaram e reproduzem a opressão institucional em que foram educados. Não tiveram a oportunidade do diálogo e da vivência para transitar da consciência ingênua à consciência crítica e biocêntrica. Porque lhes foi negado conhecerem a história sobre o ponto de vista das culturas contra-hegemônicas, a sua própria história e a sua ancestralidade. Porque os cursos acadêmicos de Pedagogia não oferecem uma formação adequada para qualificarem os princípios e práticas diante da questão da identidade e ancestralidade sua e de seus educandos. Cada educador que vive as questões levantadas aqui tem sua resposta. E é certo que todo educador se questiona, sonha e se encanta com uma pedagogia que aprimore afetivamente, culturalmente e politicamente sua prática pedagógica e que costure o fio de sua história com a do seu povo. Mas onde está o fio da meada da história?

Para a Pedagogia Griô, o fio da meada é a história de vida de cada um, tecido com a de seu povo e nação integrada ao mundo, este é o único fio que podemos reatar. Então, retornemos à angústia no diálogo com a velha trabalhadora ancestral, que também poderia ser uma criança numa escola de comunidade tradicional. Ensina-se, desde cedo, a negar que é negra, de terreiro,

indígena, de comunidade rural, cigana, autora. Ensina-se, desde cedo, a negar sua própria corporeidade. São diversas negações incorporadas, que refletem erros epistemológicos transversais entre cultura e educação, fazendo a criança, ou o estudante em geral, se perder da descoberta encantadora dos saberes e fazeres trilhados por sua avó em sua comunidade.

Os erros, contraditoriamente, provocam sentimentos de angústia, que podem ser a alavanca da cura, quando a Pedagogia Griô facilita a transformação do lugar cultural que se ocupa no diálogo entre a tradição oral e a tradição escrita. E se trilha as emoções do caminho da expressão da identidade e do vínculo com a ancestralidade. Aprende-se o encantamento de reconhecer o lugar social e político da pessoa de tradição oral como sujeito, autor, educador. Compreende-se que o registro da tradição oral na linguagem escrita, ou qualquer outra, não traduz valorização da oralidade. O saber é originalmente oral, corporal, vivencial. Assim, o desafio é colocar-se no lugar de aprendiz da linguagem e do saber da tradição oral e passar a registrá-los na corporeidade que desperta o ser no(do) mundo. Expande-se a consciência e aprende-se os princípios do diálogo, posicionando-se politicamente e pedagogicamente, em meio aos desdobramentos das dicotomias, dos conflitos, dos rompimentos e das negações entre tradi-

ção oral e escrita. Descobre-se a possibilidade de criar espaços de inclusão que não transforma o oprimido em opressor, e a oportunidade do enfrentamento e desafio de se libertarem da prisão que exercem um sobre e sob o outro. É um processo progressivo de transformação afetiva e cultural que vê na pedagogia, na política e na economia de uma comunidade ou de um país a reinvenção da cultura de sua política e da cultura de sua economia. Aqui está o fio da meada que todos os dias os rituais de vínculo e aprendizagem da Pedagogia Griô buscam reatar na comoção entre os olhares das crianças, dos jovens, dos educadores e dos mestres Griôs em roda compartilhando histórias, mitos, cantigas, danças e projetos de vida.

O conceito de cultura como bem comum, como manifestação da diversidade da vida e dos povos, como canalização da expressão do selvagem no mundo, se torna tema gerador para uma ciência que se elabora no corpo daquela trabalhadora velha e no seu coletivo, no corpo do pesquisador, educador, coordenador, estudante e do seu coletivo. Cada um consigo mesmo, sua corporeidade, sua identidade, sua ancestralidade, sua comunidade. Cada um com o outro, os dois juntos, com todos em movimento cultural de cooperação, reinvenção, de ocupação, de invasão, de autonomia, de empoderamento, de rodas e redes, de gestão compar-

tilhada em espaços de inclusão e transformação social. Movimentos afetivos e culturais conjugados com transformação social podem dar respostas atualizadas para a pedagogia politicamente comprometida com o país e o mundo de hoje. São diversos os resultados deste processo, importante ressaltar mais um deles aqui – com o fortalecimento da identidade e vínculo com a ancestralidade provocados pelas práticas da Pedagogia Griô – o ser humano revela a esperança e a atividade do seu projeto de vida, seu sonho.

É importante entender que diversos assuntos contidos no universo da tradição oral, assim como no universo da tradição escrita, estão repletos de valores contra a diversidade da vida e dos povos, mas o foco dialógico da Pedagogia Griô não é simplesmente para assuntos. As perguntas e respostas giram em torno de saberes, processos e linguagens de elaboração do conhecimento da tradição oral, no diálogo com a tradição escrita, tendo como inter-subjetividade do diálogo a cultura a favor da diversidade da vida e dos povos.

Cultura a favor da diversidade da vida e dos povos

Tradição escrita ----- Tradição oral
... em diálogo com ...

É um mergulho na terra, nas linguagens, vivências, tradições, histórias e lutas sociais e econômicas do povo, numa grande caminhada entre as comunidades,

aprendendo, ensinando e reinventando a cultura em busca de um novo projeto de humanidade, vivendo as tensões, os rompimentos e os diálogos possíveis entre a cultura hegemônica e contra-hegemônica. A Pedagogia Griô trilha uma longa busca da expressão da identidade, do vínculo com a ancestralidade e da celebração da vida.

Parafraseando Milton Santos, dizemos que todas as questões culturais locais que vivemos são uma célula de uma questão universal. Nunca vivemos num mundo onde o local e universal estivessem tão refletidos e projetados um no outro, como agora no início do século XXI. Penso que nunca estivemos tão preparados simbolicamente para criar uma ciência transversal entre educação e cultura com um projeto político comunitário e revolucionário que possa recriar o caminho do selvagem no mundo, nos seus sonhos encantados de humanização. E estamos criando.

Se o ponto de partida é a angústia diante dos lugares que ocupamos no conflito do diálogo entre a cultura hegemônica e a cultura contra-hegemônica, entre o universo da tradição oral e da tradição escrita, o segredo do caminho vivencial e pedagógico está guardado, resistindo e reinventando-se como ancestralidade viva, encantamento, promessa, bênção, rituais de transmissão oral de uma consciência e ciência cotidiana humana

mais guia do que repressora da inocência primordial em diversas comunidades e povos tradicionais que nos levaram a raiz do termo Griô. Também está em criação constante como linguagens vivenciais e instrumentos de educação em movimentos culturais contemporâneos que buscam a raiz contra-hegemônica do conceito de cultura – viva e comunitária, da biodiversidade, como bem comum, do bem viver, biocêntrica, a favor da vida.

Tendências pedagógicas e Pedagogia Griô

Continuando nossa história, há mais de vinte anos estamos realizando um caminho espiral, saímos das academias, das escolas, da tradição escrita, do centro dos grandes centros, das megalópoles, para as comunidades, para a periferia, para a zona rural e retornamos com uma nova tendência pedagógica. Saímos das salas de aula, licença para tomar café no pé do fogão, comendo beiju e dar umas boas risadas fazendo ciência com a alegria e o afeto do povo brasileiro.

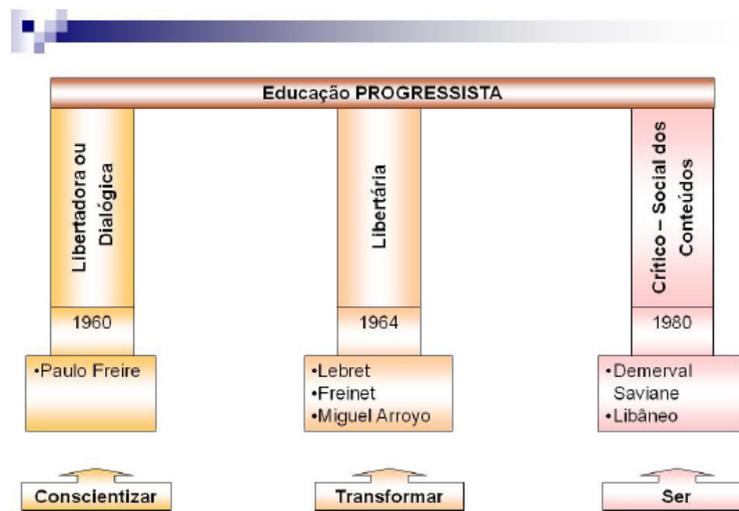
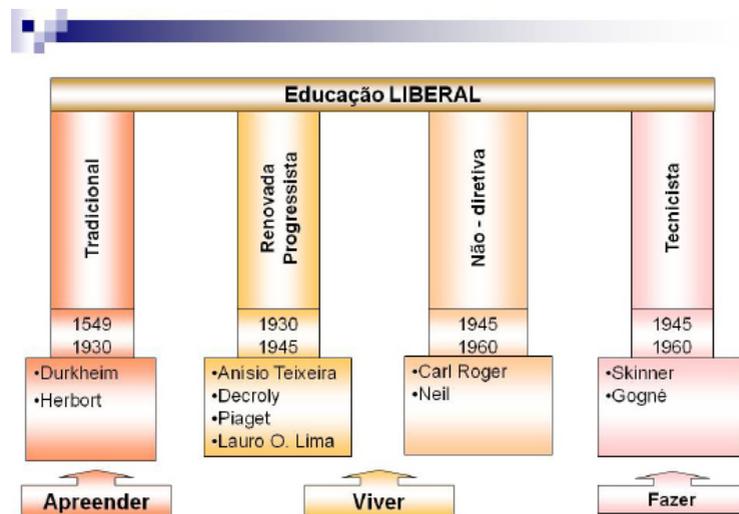
É uma caminhada na terra, nos becos, nas ruas, nas praças, nas ONGs, nos pontos de cultura, nos terreiros, nos quintais, nas casas, nas cozinhas, nas roças, nos grupos e organizações tradicionais num mundo socialmente excluído, numa educação informal no meio do povo. Escuta vazia e musical, corpo e sentimentos entregues

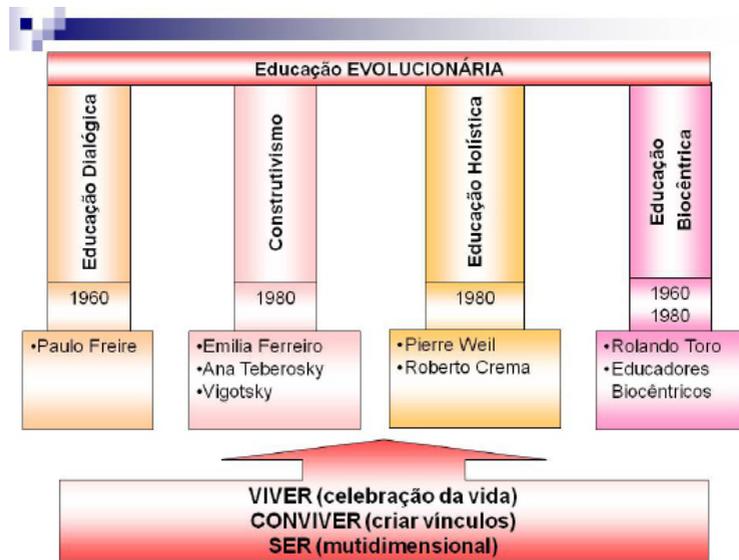
ao movimento, visão comprometida, com uma integração entre as diversas formas de elaboração do conhecimento através da arte, da ciência e das tradições orais do nosso povo. Comprometida com as potencialidades da identidade humana e a diversidade da inteligência afetiva e cultural de um povo para se expressar, se vincular, celebrar a vida e o conhecimento transmitindo-os de geração em geração na diversidade de etnias, epistemologias e sistemas ecológicos onde convive.

As bases sociais da nova tendência da educação não se concentram em pesquisas de autores isolados e acadêmicos, mas na espontaneidade criativa e vivencial de autores, grupos de pesquisa e estudo, grupos de ação comunitária, movimentos sociais e culturais que se reencantam e produzem de forma compartilhada, interdisciplinar, transdisciplinar e em rede; não se aplica apenas na área de educação, pelo contrário, reivindica a transversalidade cotidiana entre cultura e educação, cultura viva e vivida enquanto cidadania, como conceito estruturante para a educação; não presta serviço ao meio formal, porém integra os meios formal e informal da comunidade em um campo de ação comunitária e pedagógica, onde os muros das instituições fazem parte do espaço a ser recriado; não se rende nem busca inclusão social no mercado da educação nem no mercado da cultura hegemônica, se exclui, dialoga, resiste, luta e

cria um novo mundo possível aliado a grande maioria de minorias que se expressam na diversidade da vida e dos povos.

Com as transformações históricas da educação, desde as tendências liberais, passando pelas progressistas, até as tendências da educação evolucionária, criei a Pedagogia Griô, tendo Márcio Caires como cocriador e Griô, num momento em que nos encontramos, nos amamos e casamos identificados com o sonho de voltar para nossa terra como educadores do nosso povo e região. E depois partilhamos esta construção com outros cocriadores quando cultivamos a Rede Ação Griô Nacional. A seguir apresento um quadro que localiza a história das tendências pedagógicas no Brasil. Estes quadros foram sistematizados por educadores biocêntricos que me formaram para localizar a história das tendências pedagógicas até 1990, propondo a tendência pedagógica – educação evolucionária – e localizando nela, a educação biocêntrica.

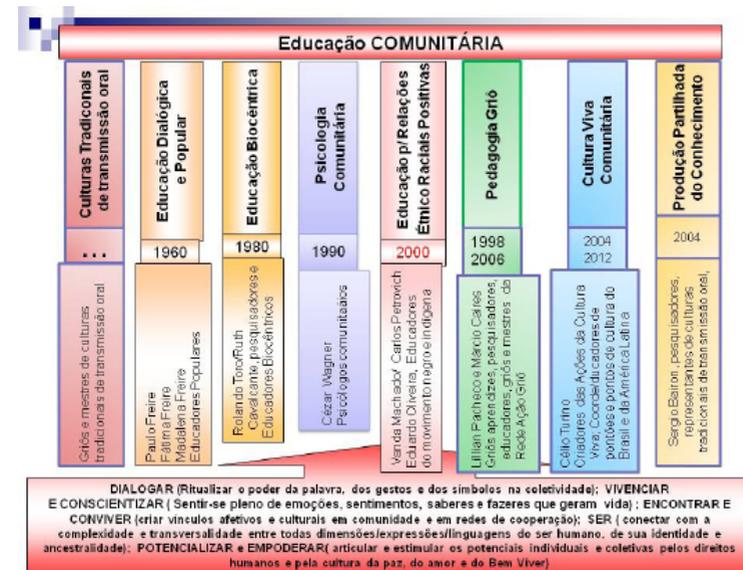




Como educadora biocêntrica, pesquisadora livre, escritora, autodidata, militante cultural e mãe retornei às comunidades da Chapada Diamantina, Bahia-Brasil, onde nasci dialogando com a sua micropolítica e a sua diversidade cultural para emergir em rede virtual e presencial de povos que se empoderam por uma educação democrática, conjugando ações, palavras e políticas em uma nova tendência pedagógica que me vejo participante e cocriadora, uma tendência que sistematizei e que surge na história do início do século XXI.

Compreendo que esta nova tendência pedagógica que se inventa na história do Brasil e da Latino-América, mais

do que criar políticas culturais e educacionais, busca revisar a cultura da política e a cultura da educação pelo conceito e prática de uma democracia ainda em construção em que a diversidade e a interculturalidade são fontes de criação. Assim, completo o quadro com a nova tendência que nasce nos anos 90 em meio às ações, projetos comunitários, movimentos sociais e culturais, e que desde 1994 venho criando, sistematizando e compartilhado no meio acadêmico e nas políticas de educação e cultura. Denominei esta tendência de Educação Comunitária, na qual localizo a Pedagogia Griô.



As perguntas fundamentais da Pedagogia Griô

Colocamo-nos como aprendizes da história de vida e linguagem vivencial, corporal e oral da trabalhadora velha e ancestral. A nossa angústia se transforma em uma nova pedagogia por meio da coragem de perguntar e antes de tudo vivenciar. São infinitas as perguntas e respostas que se pode construir. Mas uma ciência em sistematização precisa declarar o seu foco, suas perguntas e sua abrangência.

A Pedagogia Griô propõe ao educador/pesquisador/coordenador de projetos um olhar pluri-inter-transcultural e transdisciplinar em torno de si e em torno do(a) trabalhador(a) velho(a) e ancestral de uma comunidade. Estes dois lugares culturais e sociais são centrais para o estudo e compreensão.

Em torno dele(a), de seu ofício tradicional e do diálogo entre eles, circulam todas as categorias teóricas que precisamos estudar para elaborar as vivências e práticas da Pedagogia Griô, as mesmas que facilitam a expressão da identidade e o vínculo com a ancestralidade das pessoas e da comunidade no seu projeto encantado de humanização:

- o que é Griô? Como a tradição oral de uma comunidade guarda o poder da transmissão oral e educação das novas gerações?;

- qual a importância para a educação dos(as) velhos(as) trabalhadores(as) que sustenta e celebra a vida em uma comunidade? Um(a) parteiro(a), um(a) pescador(a), um(a) garimpeiro(a), quem?;
- como se dá a linguagem, a elaboração, a transmissão e a aprendizagem de conhecimentos no universo das culturas tradicionais de transmissão oral do Griô, do(a) trabalhador(a) velho(a) e do seu povo?;
- quem sou? Quem somos? Quem são nossos ancestrais? A quem nos emocionaria pedir a bênção?;
- que ciência foi e é reinventada pelos nossos ancestrais e por nós na luta diária pela vida de nossas famílias, filhos e netos, pela vida na comunidade?;
- como vivenciamos as lutas sociais e econômicas pela expressão, transmutação, sustentação e celebração das forças originárias da vida?;
- como podemos facilitar o diálogo das práticas vivenciais e conhecimentos orais e corporais elaborados pelos nossos ancestrais com as práticas tecnicistas, racionalistas e conhecimentos sistematizados pela tradição escrita que aprendemos e ensinamos nas escolas e universidades?;
- como podemos construir um novo lugar social, político e econômico dos representantes das culturas tradicionais de transmissão oral?;

As perguntas exigem que joguemos fora os projetos, as pesquisas, os formulários, os gravadores, os planos de aula. Exigem rompimentos com valores éticos e estéticos da cultura hegemônica, desconstrução de currículos e disciplinas. Exige a presença de nossa corporeidade amorosa, de nosso olhar biocêntrico para a cultura e a diversidade da vida e dos povos. Nossa corporeidade selvagem desperta e reencantada com o prazer de viver, se conhecer, se reeducar, de caminhar, de descolonizar-se e reinventar uma cultura e uma consciência guia na estrada das respostas que se desdobram em epistemes diversas, tão cotidianas quanto complexas e em projetos de vida.

Há uma transdisciplinaridade no processo de elaboração do conhecimento nas culturas e comunidades tradicionais de transmissão oral que a Pedagogia Griô reflete para criar seus conceitos, princípios, modelo de ação e práticas pedagógicas.

No centro da reflexão da Pedagogia Griô está o(a) Griô e o(a) trabalhador(a) velho(a) e sua economia, a luta que sustenta e celebra a vida na comunidade integrada a luta por sua identidade cultural. Seja a comunidade rural ou urbana, seja a velha viva ou ancestral, a comunidade se dá como território de identidade cultural, e se este território não existe, não resistiu ou não reexistiu diante do processo de dominação da cultura hegemôni-

ca, o sistema de leitura da realidade, conceitos, modelos de ação pedagógica e práticas educativas e culturais propostos pela Pedagogia Griô dá conta para que ele seja reinventado na vivência, aqui e agora, no grupo como espaço mítico de expressão da identidade individual e coletiva.

O registro e a elaboração não são escritos, são orgânicos, orais, corporais e culturais. Aprender com a linguagem e o jeito que nosso povo sabe ensinar com maestria. Aprender mergulhando no universo da oralidade, da memória e da tradição que está nos ofícios, nos rituais, cantos, danças, brincadeiras, dramas, sentimentos identitários, mitos, símbolos, saberes e fazeres, ciências, histórias e projetos de vida. Aprender mergulhando no universo da nossa própria ancestralidade. Aprender como os Griôs aprendem. No universo da oralidade é necessário aprender e transmitir o conhecimento oralmente, por meio da memória do corpo, da paciência pedagógica, de uma concepção orgânica de tempo, do compromisso com o poder da palavra.

É este o caminho — a ritualização do processo de ensino e aprendizagem inspirado em um Griô. Mas, o que é Griô? Esta é na verdade a primeira grande pergunta. Aquela que abre um caminho infinito de criação de algo que nunca se responde completamente. Esta pergunta gerou a criação da Pedagogia Griô.

O que é Griô ?

Abrasileirei a palavra Griot para a palavra Griô em 1998. Mas o que é Griot? E o que é Griô? Por que esta palavra?

Esta é a pergunta fundamental, que continua criando respostas ao longo do crescimento da grande árvore do conhecimento e da Rede Ação Griô. O contato com a palavra veio do universo da Antropologia e da História da África. Porém, utilizá-la não foi uma decisão científica, foi uma orientação espiritual que vivenciamos, eu e Márcio Caires, com o universo de segredos e mistérios das culturas de tradição oral de Lençóis-Bahia. O que posso dizer é que a palavra foi abasileirada durante nossa caminhada como educadores e idealizadores do Grãos de Luz e Griô, nas comunidades de Lençóis, Chapada Diamantina, em busca de criar um projeto político pedagógico nas comunidades tradicionais da região onde nascemos. Na fundamentação teórica, conto como se deu as reflexões que nos levaram ao termo Griô. Compreendemos que não podíamos nos relacionar com os mestres Griôs como pesquisadores acadêmicos, com instrumentos e linguagens de tradição escrita, compreendemos que tínhamos que assumir o lugar de aprendizes da tradição oral com a sua própria linguagem de vínculo, elaboração e transmissão, assim nasceu o Velho Griô e sua caminhada aprendendo e ensinan-

do a cultura de nossa região. Esta caminhada que se iniciou em 1998, mobilizou nos últimos dezesseis anos momentos históricos, em que vivenciamos diversos processos sociais e político-culturais do Brasil. Assim, criamos e coordenamos projetos, encontros, ações, grupos, programas e entidades em torno do poder e o significado da palavra Griô que teceu o universo da rede de transmissão oral do povo brasileiro e se institucionalizou na área de cultura e educação:

- idealizamos e coordenamos o projeto institucional Grãos de Luz e Griô, realizando a caminhada e iniciação de Márcio Caires, quando sonhamos e realizamos o arquétipo do Velho Griô nas tradições orais da região onde moramos na busca de reconhecer o lugar social político e econômico dos Griôs nas escolas e comunidades e fortalecer a rede de transmissão oral em diálogo com a educação formal;
- criamos a Pedagogia Griô e o lugar de mediação entre a tradição oral e a tradição escrita – o Griô Aprendiz;
- articulamos a iniciação e caminhada de Márcio Caires nas tradições orais afro-brasileiras e indígenas do Brasil e sua iniciação pela família Griô de *Deli Mori Diabatê*, no Mali, África;
- criamos e implementamos o Programa Ação Griô

- Nacional de 2006 a 2009, em parceria com Célio Turino no Ministério da Cultura como Linha de Ação do Programa Cultura Viva – idealizado por Célio Turino;
- planejamos e coordenamos pedagogicamente mais de trinta encontros regionais e nacionais da Ação Griô, incluso no Encontro Nacional de Pontos de Cultura – da TEIA de 2007 a TEIA de 2013;
 - criamos e coordenamos a Rede Ação Griô de 2007 a 2011, em parceria com sete pontões regionais em gestão compartilhada com o Ministério da Cultura que distribuiu 750 bolsas de incentivo Griô e envolveu 600 entidades de educação, cultura e aproximadamente um milhão de pessoas de todas as idades em caminhadas, oficinas, vivências, audiências, conferências e encontros regionais, nacionais, internacionais, redes sociais e em projetos pedagógicos, relatos e livros;
 - criamos e coordenamos a implementação do Projeto Trilhas Griôs na Chapada Diamantina;
 - criamos o projeto Universidade Griô e articulamos uma gestão compartilhada do projeto com a USP, o CEACA – SP, o Ponto de Cultura Nina Griô, a UFRJ, a UFPB e o Ponto de Cultura Escola Viva Olho do Tempo;
 - fomos premiados pela implementação do projeto Grãos de Luz e Griô, como primeiro lugar no

- Prêmio Itaú Unicef, destaque no prêmio Cultura Viva e como destaque pelo programa Cultura Viva;
- fomos premiados pela implementação do projeto Pontão Ação Griô, como primeiro lugar no Brasil em Democratização Cultural pelo MinC e Instituto Votorantim;
 - o programa Ação Griô foi avaliado pelo IPEA, como política referência de gestão participativa e diferencial diante das políticas de natureza previdenciária para mestres da cultura popular ou de políticas de salvaguarda propostas pelo patrimônio imaterial do IPHAN;
 - idealizamos e coordenamos a eleição da Comissão Nacional dos Griôs e Mestres durante a TEIA 2009, representada por Mestra Griô Doci, Ponto de Cultura Escola Viva Olho do Tempo-PB e Mestre Griô Alcides, Ceaca-SP, que coordenou conosco, Alexandre Santini e Marcelo das Histórias, Nina Griô - SP e diversos parceiros da Rede Ação Griô, a mobilização nacional em busca de 1 milhão de assinaturas com passeatas, encontros, páginas na internet, para apresentar ao Poder Legislativo Federal o projeto de iniciativa popular: a Lei Griô Nacional, que entrou em tramitação no Congresso através do PL 1.786/2011 com a Frente Parlamentar de Cultura,

- sendo assinada por 24 deputados de 11 partidos, 19 estados e por mais de 4.000 militantes da cultura;
- mobilizamos a criação da minuta da Lei Griô Nacional pela Comissão Nacional dos Griôs e Mestres e em parceria com a Rede Ação Griô a eleição na íntegra como uma das 32 prioridades da política do Ministério da Cultura do Brasil na Conferência Nacional de Cultura (março de 2010) entre mais de 600 propostas, envolvendo mais de 200 mil dirigentes culturais, representantes de conselhos de cultura e comunidades de base em todo o país;
 - mobilizamos a participação da Rede Ação Griô na Consulta Pública das Metas do Plano Nacional de Cultura, conquistando o maior destaque nacional;
 - mobilizamos o protagonismo da Comissão Nacional dos Griôs e Mestres em mais de 20 encontros e audiências públicas com os mestres Griôs e deputados no Congresso Nacional para aprovação da Lei Griô Nacional, e para a criação do substitutivo da Lei Griô e da Lei dos Mestres;
 - articulamos a eleição e atuação de Marcio Caires (Márcio Griô) como presidente do Conselho Estadual de Cultura da Bahia, presidente do Fórum Nacional dos Conselhos Nacionais de Cultura e membro do Conselho Nacional de Cultura;
 - fomos parceiros e cocriadores com Sergio Bairon,

livre docente da USP, e Zilda Lokoi, diretora do Departamento Diversitas para a criação do projeto de curso de pós-graduação *lato sensu* na Pedagogia Griô na USP, e da Revista do Diversitas sobre a Pedagogia Griô.

Todas estas ações que criamos, coordenamos ou mobilizamos fizeram com que o conceito do Griô fosse reescrito de forma compartilhada entre Griôs aprendizes, mestres Griôs, pesquisadores e educadores, militantes culturais, políticos e entidades da rede, em busca do reconhecimento de um novo lugar social, político, econômico e cultural dos representantes das culturas tradicionais de transmissão oral no Brasil.

Depois de abrazeirada em 1998, o termo Griô ganhou mais de seissentas citações em páginas na internet em nível nacional e internacional, relacionadas com a tradição oral e a educação.

Assim, a iniciativa de abrazeirar a palavra Griô da palavra *griot* é uma orientação espiritual que busca um novo lugar social, político e econômico para os velhos representantes dos saberes e fazeres das culturas tradicionais de transmissão oral. A palavra *griot* tem origem e se inspira nos músicos, genealogistas, poetas e comunicadores sociais, mediadores da transmissão oral, bibliotecas vivas das histórias, lutas e glórias do seu povo no

noroeste da África – Império do Mali, onde Márcio Griô foi iniciado e onde aprendemos vivencialmente o conceito de Griô. O Griô aprende e ensina todos saberes e fazeres da tradição que representam nações, famílias e grupos de um universo cultural fundado na oralidade, onde o livro não tem papel social prioritário. A família Griô de uma comunidade no noroeste da África tem a função de guardar no seu corpo, na sua pele, do seu inconsciente e consciente, a memória viva, a história e as ciências do povo de sua região e país, para caminhar entre as aldeias transmitindo-os às novas gerações. O Griô, antes de tudo, aprende caminhando e convivendo com os tradicionalistas de todos os saberes e ofícios.

Na África, existem termos diversos em cada grupo étnico e a palavra *griot* é universalizante, porque no processo de colonização foi utilizada pelos estudantes afrodescendentes, que estudavam na língua francesa, para sintetizar milhares de definições que abarca. A palavra *griot* também resistiu como corruptela da palavra creole, ou seja, crioulo, e foi uma recriação do termo gritadores, reinventado pelos portugueses quando viam os *griots* gritando em praça pública em momentos que sabiam da importância de lembrar ao povo afrodescendente a sua identidade e ancestralidade, a sua história. Segundo Hampaté Bâ, são *griots* conhecedores, *griots* historiadores, *griots* comunicadores, *griots* genealogistas, *griots* músicos,

griots animadores, *griots* rei, *griots* embaixadores. A cada um é dedicado certos princípios diante do poder da palavra

[...] uma vez que a sociedade africana está fundamentalmente baseada no diálogo entre os indivíduos, os *griots* são agentes ativos e naturais destas conversações [...] a influência exercida por um Dieli (*griot*), ao longo da história, adquiria a qualificação de boa ou má, conforme suas palavras incitavam o orgulho ... ou ao respeito de seus deveres tradicionais.

Os primeiros povos do Brasil, participantes da Rede Ação Griô, também reconheceram na palavra a definição de um lugar social e político na comunidade para transmissão oral dos seus saberes e fazeres, a exemplo dos Kaingang do Rio Grande do Sul, dos Tupinambás das Aldeias Tukun e Serra Negra na Bahia, os Pankararus de Pernambuco, os Macuxi em Roraima, os Xavantes e Bororos em Mato Grosso do Sul e tantos outros que contam sobre os Morubixabas, Kanhgág Kanhró, Tsere-waptu... e o conceito Griô foi reconhecido e traduzido para todas estas línguas com palavras que falam do mesmo lugar social.

Na Lei Griô, junto a Comissão Nacional dos Griôs e Mestres e a coordenação da Rede Ação Griô, da qual

fazemos parte, propus o conceito de Griô ou Mestre(a) de Tradição Oral segundo o projeto do ponto de cultura Grãos de Luz e Griô: todo(a) cidadão(ã) que se reconheça e seja reconhecido(a) pela sua própria comunidade como herdeiro(a) dos saberes e fazeres da tradição oral e que, através do poder da palavra, da oralidade, da corporeidade e da vivência, dialoga, aprende, ensina e torna-se a memória viva e afetiva da tradição oral, transmitindo saberes e fazeres de geração em geração, garantindo a ancestralidade e identidade do seu povo. A tradição oral tem sua própria pedagogia, política e economia de criação, produção cultural e transmissão de geração em geração.

Propus o termo tradição oral como uma nova versão ao termo cultura popular, visto que o Grãos de Luz e Griô e a Ação Griô foram idealizados com um posicionamento político inovador diante do modelo de transmissão e apropriação do conhecimento, promovendo o diálogo entre os saberes de tradição oral e os espaços da educação formal; além de um posicionamento político inovador na gestão, envolvendo representantes de comunidades, grupos tradicionais da sociedade civil em parceria com o governo; e um posicionamento político na criação de redes sociais de base e prioridades em conferências nacionais. O termo cultura popular reforça dicotomias entre o popular e o erudito. A palavra Griô

e o termo tradição oral se configuraram na política e na história do Brasil em lugares sociais e políticos que reivindicam o reconhecimento da erudição das tradições orais das comunidades, enfrentando as dicotomias entre a cultura hegemônica e contra-hegemônica.

O termo "mestre", nas linguagens das culturas tradicionais brasileiras, abrange alguns segmentos das tradições e é um termo de origem europeia e acadêmica. Mães de santo, pajés, rezadeiras, curadores, cantadores, cordelistas e parteiras, apenas para dar exemplo de segmentos, não se identificam em suas comunidades e culturas de origem com o termo "mestre" ou "mestra". Por outro lado, a palavra Griô não se traduziu no Brasil como um segmento das culturas tradicionais de transmissão oral, nem tampouco como uma contraposição ao termo mestre. Ela se traduziu como uma versão conceitual que se efetivou historicamente e que amplia sentidos e significados novos e ancestrais ao termo mestre já utilizado.

Portanto, a Comissão Nacional dos Griôs e Mestres e a coordenação da Rede Ação Griô propuseram a comissão de cultura do Congresso Nacional que as três raízes étnicas principais do Brasil fossem contempladas em consenso nos termos da lei – a europeia, a afrodescendente e a indígena. E que o termo já reinventado e incorporado por diversos representantes das

culturas tradicionais de transmissão oral, *a priori* fosse contemplado. Este termo, que diversos representantes das culturas tradicionais passaram a se autodenominar por iniciativa própria, em lugares diferentes do Brasil, é Mestre Griô.

O conceito da Pedagogia Griô

A Pedagogia Griô é uma pedagogia da vivência de rituais afetivos e culturais que facilitam o diálogo entre as idades, a escola e a comunidade, grupos étnico-raciais, tradição e contemporaneidade, interagindo e mediando saberes ancestrais de tradição oral e as ciências formais, por meio do reconhecimento do lugar social, político e econômico dos mestres Griôs na educação, para a elaboração do conhecimento e de um projeto de vida que tem como foco a expressão da identidade, o vínculo com a ancestralidade e a celebração da vida. Na Pedagogia Griô, os facilitadores das vivências de rituais afetivos e culturais são os Griôs aprendizes e os educadores Griôs.

A Pedagogia Griô tem como referências teórico e metodológicas o povo que caminha e reinventa a roda todos os dias no Brasil e na África: educadores, psicólogos comunitários, educadores, gestores políticos e principalmente mestres Griôs brasileiros e africanos.

A educação biocêntrica de Ruth Cavalcante e Rolando Toro, a educação para as relações étnico raciais positivas de Vanda Machado, a educação dialógica de Paulo Freire e a educação que marca o corpo de Fátima Freire, a cultura viva comunitária de Célio Turino, a psicologia comunitária de Cezar Góis, a produção partilhada do conhecimento de Sergio Bairon e todas as práticas de transmissão oral das culturas tradicionais do Brasil, as práticas de transmissão que foram construídas nos terreiros de candomblé, nas capoeiras, nos torés, nos sambas de roda, nos reisados, nos cantos do trabalho, nas festas populares, nos gêneros literários dos cordelistas e repentistas, na ciência das parteiras, na habilidade das rendeiras, na antevisão dos pais e mães de santo, na brincadeira dos bonequeiros, na medicina dos curadores, erveiras, benzedadeiras e xamãs, na biblioteca viva dos contadores de histórias, e em todas as artes integradas aos mitos e às ciências da cultura oral.

Temos que continuar citando e nos descobrindo, aprendendo a escrever tantos substantivos e derivados de nossa língua nacional: o catupé-cacundê, jongo, congo, cacuriá, carimbó, ciranda, maracatu, côco, cavalo marinho, siriri, artes do circo, teatro de rua, teatro de bonecos, mamulengo, catira, pastoril. São muitos os responsáveis pela tradição viva. Em toda comunidade brasileira existem mestres Griôs de tradição oral traba-

lhando espontaneamente e informalmente pela sobrevivência de suas tradições junto à comunidade, educando crianças e adolescentes e produzindo uma economia de partilha, uma economia comunitária. São atores e autores sociais vivos da cultura brasileira que inspiram uma pedagogia recriada no Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô, a partir da inteligência pedagógica que se dá sem a escrita, e tem transmitido saberes de geração em geração, atravessando séculos de exclusão social e perseguição do povo negro, indígena e de baixa renda, garantido a identidade do povo brasileiro.

Princípios da Pedagogia Griô

- A identidade, a ancestralidade e a celebração da vida como centro do saber e fortalecimento do continente afetivo dos grupos no universo da educação e tradição oral;
- A aprendizagem e vivência de práticas, saberes e línguas de tradição oral, seus conceitos-chaves e seus processos de transmissão e circulação como expressão da inteligência da diversidade da alma humana;
- Reelaboração das práticas e saberes de tradição oral para dialogarem com o saber formal nas escolas e universidades;

- Reconhecimento do lugar social, político, cultural e econômico dos velhos mestres Griôs de tradição oral por sua própria comunidade de origem, como estruturante para a educação, afirmação e fortalecimento da identidade e ancestralidade do povo brasileiro;
- Valorização das redes de transmissão oral e convivência intergeracional das comunidades, reatando o fio da história entre o velho e o novo, o mundo tradicional e contemporâneo por uma ética a favor da diversidade da vida e dos povos e uma educação comunitária;
- Reconhecimento dos mestres Griôs como autores, eruditos, sujeitos, educadores e pesquisadores em relação aos saberes das redes de transmissão oral e comunidades tradicionais;
- Reconhecimento do lugar de educador Griô, do Griô aprendiz e empoderamento das organizações da sociedade civil como mediadores do diálogo entre o universo e os saberes de tradição escrita e tradição oral;
- Facilitação e valorização de vivências integradoras entre as áreas do conhecimento mítico, artístico, científico, religioso integrado a história de vida e os saberes e fazeres tradicionais da comunidade;

- Fortalecimento do vínculo afetivo e cultural consigo mesmo, com o outro, com o grupo, com a comunidade, com a natureza e a diversidade de ancestrais e divindades de cada cultura;
- Ressignificação da pergunta “quem sou?”, desde um ponto de vista comunitário, existencial, social, étnico-cultural e político;
- Valorização do estudo dos rituais, da roda, da vivência, da oralidade, da corporeidade, do diálogo, do encantamento e do compartilhamento de saberes como estratégias fundamentais de uma metodologia de processos na educação fundada na oralidade;
- Elaboração do conhecimento e maturação da consciência comunitária com a qualidade de uma consciência guia com referência no psicólogo Cezar Wagner Gois, consciência crítica com referência em Paulo Freire e consciência biocêntrica com referência em Rolando Toro;
- Revalorização de uma cultura da política, cultura da economia e cultura da educação pelo bem comum;
- Afirmação do poder da escuta, do silêncio e da palavra com o sentido do ritmo e do movimento que expressam a sacralidade das forças e da harmonia da unidade cósmica e comunitária invisível e viva.

- Ocupação, invasão e encantamento das instituições de educação formal para transformação das mesmas em espaços de manifestações da diversidade da vida e dos povos e de uma educação comunitária;
- Humildade e coragem diante das tensões, dos rompimentos e dos diálogos possíveis entre a cultura hegemônica e contra-hegemônica pela reparação do ciclo intergeracional da pobreza e da exclusão social;
- Facilitação de processos educativos e contínuos entre as dualidades: vivência e consciência, mente e corpo, popular e erudito, emoção e razão, instituição e comunidade, tradição e contemporaneidade, mito e realidade, identidade e ancestralidade, eu, o outro e a totalidade;
- Valorização da diversidade étnico-cultural, da identidade e da ancestralidade do povo brasileiro por meio da efetivação de suas referências teórico-metodológicas e de marcos legais na área da educação e cultura;
- Fortalecimento da capacidade de auto-organização e de inclusão social da comunidade por meio do incentivo aos espaços de gestão compartilhada e de redes sociais de base afetivas e culturais de transmissão oral;

- Priorização de um sistema diferenciado de repasse financeiro público de forma direta, transparente e descentralizada para os mestres Griôs e Griôs aprendizes que reconheça a singularidade do universo da tradição oral.

Palavras geradoras que qualificam o conceito da Pedagogia Griô

As palavras geradoras grifadas no conceito da Pedagogia Griô são: Tradição Oral, Identidade, Ancestralidade, Diálogo e Vivência. Além destas palavras geradoras, precisamos compreender o conceito dos três lugares sociais fundamentais que semeiam a pedagogia: o Mestre Griô (já apresentado), o Educador Griô, o Griô Aprendiz. A seguir conversaremos sobre estes lugares sociais e sobre cada palavra geradora. Indicaremos vídeos, sites e depoimentos que facilitam o caminho vivencial que precisa ser trilhado para sua compreensão.

Griô Aprendiz

O Griô aprendiz tem um lugar social fundamental na missão da Pedagogia Griô de facilitar o diálogo entre as idades, entre a escola e a comunidade, entre grupos étnico-raciais, entre tradição e contemporaneidade,

interagindo e mediando saberes ancestrais de tradição oral e as ciências formais.

Mas o Griô aprendiz é mais do que um lugar social e político de mediação. Ele é antes de tudo, um arquétipo, ou seja, um personagem mítico, um encantado de alguém que doa sua corporeidade como lugar de registro, biblioteca viva e transmissão dos saberes e fazeres de comunidades, grupos e povos de tradição oral, garantindo assim a continuidade da rede de transmissão oral. Na tradição oral, o livro é a memória da pele, a memória do inconsciente e dos sentimentos, a memória musical, a memória do movimento. O Griô aprendiz não é criado como um personagem de teatro, ele é iniciado por meio de vivências e rituais para que o seu encantado e seu arquétipo se revele. Para que sua corporeidade se descubra como uma biblioteca viva. Cada Griô aprendiz se reconecta com o encantado/arquétipo que existe em seu inconsciente, em seu mito pessoal e coletivo.

O ponto de partida da iniciação de um Griô aprendiz pode ser encontros de formação na Pedagogia Griô, mas o tempo maior do processo de iniciação é a prática pedagógica da Caminhada Griô com os Mestres Griôs de comunidade em comunidade, escola em escola, aprendendo e ensinando a cultura de uma região e país. O processo de iniciação de um Griô aprendiz tem um tempo orgânico, afetivo e espiritual de cada pessoa que

se identifica com este lugar social e político. Em cada vivência vai se revelando seu arquétipo, suas roupas, símbolos, mitos, instrumentos, mistérios, saberes e fazeres, é o vínculo com os Mestre Griôs e com povos, comunidades e grupos de tradição oral que o inicia e o veste em todos estes aspectos.

Antes de partir para sua caminhada, ele vive um parto pedagógico para descobrir sua identificação vivencial com o lugar de Griô aprendiz; para compreender vivencialmente os conceitos e práticas de facilitação de vivências e para buscar em sua própria família de origem, a sua história de vida e ancestralidade. Ele também é iniciado em princípios e posturas éticas, afetivas e políticas de vínculo com os Mestres Griôs, com as culturas tradicionais de transmissão oral e com os responsáveis pela educação. As qualidades e perfis facilitados no processo vivencial de iniciação do Griô aprendiz na Pedagogia Griô, são:

- habilidades de um contador de histórias, cantador, tocador de instrumentos tradicionais, educador, artista, mediador político, genealogista, comunicador social e caminhante;
- compreensão vivencial da importância da tradição oral como fonte de produção e elaboração do conhecimento humano;
- entrega e paciência na aprendizagem, eterna postura de caminhante aprendiz, concepção orgânica de

tempo e compromisso com o poder do silêncio, da palavra e do bem dizer;

- capacidade metodológica de facilitar práticas vivenciais e dialógicas utilizando a oralidade, a corporeidade e o encantamento na mediação entre a educação formal e a tradição oral;
- reconhecimento e referência oral à origem de todo saber ou fazer citando o nome do Mestre Griô de tradição oral, grupo, povo ou comunidade com quem aprendeu;
- cuidado com a reverência, o pedido de bênçãos, a permissão e a licença aos mais velhos, aos mais novos e aos ancestrais por sua sabedoria de vida;
- respeito à diversidade de expressões da tradição oral, aos segredos, mistérios e religiões de cada povo, grupo ou comunidade;
- postura dialógica e afetiva de mediação e facilitação de questões políticas relacionadas com a tradição oral e a educação;
- parceria com a luta pelo reconhecimento do lugar social, político, econômico e cultural dos Mestres Griôs de tradição oral na educação e pelo reconhecimento dos direitos dos povos, grupos e comunidades tradicionais;
- valorização da Produção Partilhada do Conhecimento envolvendo pessoas de tradição oral na autoria

de registros e elaborações escritas e audiovisuais dos seus saberes e fazeres;

- vínculo afetivo com todo Mestre Griô de tradição oral que o inicia nos saberes, artes e ofícios das tradições do seu povo;
- vínculo sagrado de aprendiz com um Mestre Griô de sua escolha para aprendizagem sobre a cura, a proteção espiritual e os cuidados com o corpo, a voz, o poder do silêncio e da palavra.

Ser Griô aprendiz é diferente de ser aprendiz de uma cultura tradicional específica de transmissão oral, porém, os aprendizes dos mestres de capoeira, de congado, de coco, ou qualquer outra tradição reúnem boa parte das qualidades de um Griô aprendiz.

Ao abraçarmos o termo Griô em Lençóis-Bahia em 1998, o Griô africano se encarna em um velho, o Velho Griô, um Griô aprendiz alegre e afetivo, que canta e conta histórias da cultura de sua região e país, inspirado e iniciado na tradição oral de nossas raízes africanas e indígenas em rodas de vivências, músicas e danças, que sensibilizam e integram a escola e a comunidade. Ele é o arquétipo de Márcio Caires. Um encantado. Um espírito que se encantou como mito vivo na história de Márcio.

Velho porque Velho é o símbolo da sabedoria da vida, e Griô, porque representa uma figura africana, das tradições orais, nômade que vive caminhando entre comunidades aprendendo e ensinando a cultura de sua região. Quando o Griô conta e canta, as pessoas se reconhecem, porque ele fala dos avós, bisavós que interligam a história e a vida daquele povo, suas lutas e glórias. (Pacheco, 2006)

O Velho Griô tem em suas referências simbólicas, espirituais e ancestrais negros, índios, portugueses, grupos étnicos do Brasil. Sua roupa reflete o reiseiro, o sertanejo, o tocador rural, o político e seus símbolos traduzem a diversidade de sua caminhada e aprendizagem. Ele se tornou uma referência da pedagogia Griô para a construção do lugar dos Griôs aprendizes regionais e dos pontos de cultura do Brasil, na missão de garantir a costura da rede de transmissão oral do nosso país, através do reencanto dos estudantes das novas gerações que estão sendo formadas nas escolas públicas, pelo reencontro consigo mesmo e com a sua ancestralidade, pela descoberta do sentido da vida que a celebre comum - comunidade. (Pacheco, 2009)

Ainda que a oralidade africana seja uma referência de aprendizagem muito importante, não se trata de reeditar no Brasil o Griô africano, ou formar os Griôs aprendizes como o africano. O Velho Griô, por exemplo, é um caminhante que nasceu no sertão nordestino, bisneto de índia, neto de uma rendeira, de um tropeiro vendedor de rendas e de um safoneiro de oito baixos. A caminhada partiu da Bahia para todo o Brasil com outros Griôs aprendizes que se reconheceram neste lugar social. Existem Griôs aprendizes iniciados e orientados pelo Velho Griô que realizam caminhadas entre comunidades, povos e grupos tradicionais aprendendo e ensinando a cultura do Brasil e mediando os saberes e fazeres de seus mestres Griôs com a educação formal em escolas e universidades por meio de projetos e ações coletivas.

... fui direcionado pelo Velho Griô para vários elementos da natureza, como as aves, o ar, a lembrança do útero materno, ao adentrarmos em uma gruta, nos fazendo restabelecer nosso vínculo com a Terra e com todos os elementos do universo, até alcançarmos o refúgio restaurador nas águas da grande cachoeira. Ao retornar, repetimos o diálogo por meio de símbolos corporais, e como em um pacto silencioso, sentimos que, ao final da travessia, já não éramos mais a mesma equipe. Tivemos a oportunidade do encontro transformador. A

partir daquele ponto, estávamos preparados para nos separar e, cada Griô aprendiz, em uma região do país, dar seqüência à missão de inscrever na grande roda do conhecimento – que são a cultura e a educação brasileiras – o encantamento vivido com mestres e Griôs. A partir dessa vivência com o Velho Griô, hoje me permito falar poeticamente sobre alguns conceitos pedagógicos presentes nessa caminhada da pedagogia Griô” Henry Durante, Griô aprendiz regional da Terra (Pacheco, 2009; Caires (org), 2009.)

Assim como o Velho Griô, todo Griô aprendiz aprende com as diversas tradições orais do Brasil e reinventa ou reencontra o seu arquétipo, aquele que é a expressão arquetípica de si mesmo e de sua sabedoria ancestral e que será sempre reflexo e projeto de sua caminhada. Por mais que ele já saiba, que tenha aprendido com Mestres Griôs, ele guarda e compartilha com humildade sua sabedoria com o título de Griô aprendiz.

Os arquétipos chegam por diversos caminhos míticos para um Griô aprendiz como a pedra esculpida pelo tempo e pintada pelo artista sensível moderno e tradicional, completamente visionário Zofir em Rio de Contas no alto da Serra das Almas, portal da Chapada Diamantina, na Bahia.

Quanto tempo a pedra se fez vida antes de se tornar pintura e antes de se tornar gente? E ela se tornou gente na minha pele de educadora Flávia Pacheco que vivencio esse personagem mítico em uma Griô Aprendiz, que conta histórias e encanta com sua graciosidade e mistério. A pedagogia Griô me formou como Griô Aprendiz e possibilitou a conquista do Prêmio Servidor Cidadão e a aprovação no edital Pontos de Cultura pela SECULT – BA. E continuo nessa caminhada, criando bonecos e tudo mais que se precisa para tecer SONHOS.

Tradição Oral

É o universo de vivência dos saberes e fazeres da cultura de um povo, etnia, comunidade ou território que é criado e recriado, transmitido e reconhecido coletivamente através da oralidade e da corporeidade de geração em geração, com linguagem própria de percepção, elaboração, expressão, transmissão e reconhecimento. No universo da tradição oral, cada grupo, comunidade, organização reproduz e reinventa uma prática de transmissão dos saberes e fazeres, bem como uma economia comunitária e uma política de reconhecimento dos lugares sociais de seus aprendizes e Mestres Griôs.

A tradição oral é um sistema ou uma rede cultural viva de mitos, ritos, cantos, danças, brincadeiras, arqué-

tipos, instrumentos, objetos, símbolos, culinária, ofícios, ciências de cura, expressões artísticas e artesanais que é criada e recriada com referência na identidade e ancestralidade de um povo, conduzindo sutilmente o processo de elaboração, aprendizagem e transmissão de seus saberes, bem como de seus sentimentos, valores éticos, história e projetos de vida.

Na Chapada Diamantina, quando um ourives trífila os fios de ouro e cria a poesia de uma aliança ele está dando continuidade à oficina do mundo, de seus ancestrais. O lugar social de um tradicionalista no mundo está relacionado com a criação do universo, com a sua ancestralidade, com rituais de sacralização da vida. É arquetípico e mitológico.

São diversas problematizações que refletimos no Brasil para conceituar tradição oral na Pedagogia Griô. As mais importantes são:

- alguns grupos artísticos e de pesquisa copiam ou registram (por meio escrito, fotográfico ou audiovisual) práticas e saberes de tradição oral compreendendo que estão executando um trabalho de resgate da oralidade. Ao pretender-se resgatar algo, cria-se o papel daquele que resgata e daquele que é resgatado. Só que o papel de resgatado é o de objeto do registro, do conhecimento e da ação.

E ao ter consciência política deste papel, os grupos de tradição oral negam assumi-lo, propondo o papel de protagonista e de sujeito. Assim, o papel de quem pensa estar resgatando algo ou se assume como artista, ou pesquisador que aprende diretamente com a fonte da tradição oral, ou perde-se no seu papel social;

- alguns pesquisadores entrevistam e registram as histórias, saberes e fazeres de tradição oral por meio escrito, fotográfico, audiovisual ou em outras linguagens, compreendendo que estão criando práticas fundadas na oralidade. A entrevista pode ser oral, mas cria a relação sujeito objeto que não pode ser considerada dialógica, então, não é fundada na oralidade que, mesmo no silêncio, cria sentidos profundos em relação ao poder da escuta e da palavra. Um registro fundado na oralidade, tem a linguagem de registro que é a vivência, o movimento, a dança, o canto, a corporeidade afetiva, a memória oral, o diálogo. É assim que ao longo dos séculos a tradição oral garante a sua transmissão oral em geração de geração. Um registro escrito tem sua função de valorização, mas não significa uma prática fundada na oralidade, nem que garante sua transmissão;

- diversos grupos artístico-culturais nomeiam-se como grupos tradicionais - um grupo artístico de Maracatu não pode dizer que é um grupo tradicional de Maracatu. Um grupo de Maracatu, ou de Reis, ou de Congo, são expressões tradicionais e religiosas de comunidades e famílias, vivências de promessas, de mitos, ritos e arquétipos. O que os grupos artísticos criam são possibilidades de espetacularização, folclorização ou tradução da cultura que podem ser louváveis, mas não representam a continuidade da tradição. Toda cópia é tradução de linguagem. E as traduções e releituras são belas e admiráveis no meio artístico. Mas há que referenciar a tradição onde aprendeu e diferenciar. É evidente que a tradição oral se reinventa sempre, mas não como arte, ela se reinventa com a sua linguagem que é transversal entre arte, educação, filosofia, religião, ciência da vida e mito contextualizada culturalmente em um grupo étnico-cultural e comunidade;
- diversos saberes de tradição oral são denominados saberes de domínio público - toda forma de expressão de um saber de tradição oral tem origem em povos, grupos e comunidades tradicionais específicas e nada mais justo do que elas serem citadas, consideradas autoras e ainda serem,

prioritariamente, beneficiadas economicamente com a reprodução e venda de qualquer produção que tenha como base a pesquisa de seus saberes e fazeres;

- diversas políticas se propõem a realizar um mapeamento do universo da tradição oral como uma estratégia fundamental para a criação de políticas públicas para o povo - não é possível mapear as tradições orais. É possível mapear territórios de identidade e antes de tudo é necessário que se priorize o direito civil e cultural da terra e da identidade por parte dos povos e comunidades tradicionais. Porém, desenhar a rede ou o sistema das tradições orais, o que é chamado de mapeamento, pressupõe uma geometria fractal, mandálica, holográfica e participativa. Os programas políticos precisam assumir princípios e diretrizes que canalizem a expressão de cada povo e potencializem o protagonismo para que cada um possa gerir de forma compartilhada seu próprio mapeamento, política e economia de tradição oral. O Estado brasileiro, as leis de fomento, as instituições de patrimônio e jurídicas estão longe de compreender e dar acesso verdadeiro aos processos e linguagens das tradições orais, porque, antes de tudo, são de tradição escrita e burocráticas e ainda não possuem leis de

acesso e prestação de contas de recursos apropriadas nem ao universo da arte e da cultura, quanto mais ao universo da tradição oral.

Para concluir os questionamentos, as políticas e programas de reconhecimento às culturas de transmissão oral, antes de tudo, têm que aprender a silenciar, escutar, perceber, incorporar, reconhecer, se encantar, reverenciar, aprender, entregar-se, emergir, compartilhar e reinventar no campo da consciência, do poder, da palavra e da imagem a rede cultural viva de tradições orais ao qual estamos profundamente mergulhados e do qual somos feitos. Não se trata de resgatar, nem mapear. A potencialização do fluxo próprio de expressão e reinvenção das culturas tradicionais de transmissão oral - ou tradição oral - passa pelo diálogo com o poder de sua linguagem corporal, vivencial e oral, pelo compromisso com seus princípios de transmissão e por um desafio político e econômico complexo diante do capitalismo e do neoglobalismo - a parceria com as lutas sociais, políticas e culturais dos povos e comunidades tradicionais.

Identidade e Ancestralidade

Identidade é aquilo que diferencia e afirma o ser humano bio-psico-social histórico, ecológico e étnico-cul-

tural, desde a concepção da sua vida até a morte, por meio da consciência e corporeidade vivida. Revela-se e humaniza-se na presença do outro ser humano e expressa-se enquanto ontogênese – a gênese do ser.

Ancestralidade é aquilo que assemelha e reconecta o ser humano numa relação transcendente a um território, uma família-comunidade, um povo, uma ou mais divindades, ao planeta, a elementos da natureza, aos seus ancestrais e com a vida no universo. Revela-se e humaniza-se na presença da crença no espírito, na natureza, na divindade e nos astros, e na presença do conhecimento do seu inconsciente em nível pessoal, coletivo e vital. Se expressa enquanto filogênese – a gênese da espécie.

Na Pedagogia Griô, são indissociáveis os conceitos de identidade e ancestralidade. O conceito de ancestralidade é diverso e vivencial. É uma busca pessoal e comunitária de cada ser, família, povo, nação ou comunidade. É um enraizamento e conexão que nutre e potencializa a árvore da identidade. O conceito de identidade afirma-se por seu processo de diferenciação biológica, afetiva, histórica, social, étnica e existencial. Vale ressaltar que a história de racismo e colonização cultural no Brasil e no mundo nos impôs uma ruptura entre nossa diferenciação e semelhança, entre nossa identidade e ancestralidade: somos brancos? Somos negros? Somos índios? Quem

somos? A maioria das pessoas que está iniciando nesta reflexão tem a consciência ingênua de que somos todos miscigenados e iguais. Abordam a questão da cor da pele e do fenótipo, esquecendo que o racismo é, além de tudo, fato histórico, psicológico, étnico, político e social. O desafio de assumir o racismo e buscar posturas afetivas e culturais que cure o ser racista naturalmente se desdobra em outro, na busca da própria identidade e ancestralidade, numa perspectiva pluri-inter-transcultural.

A maioria das pessoas quando estudavam numa escola ou universidade pelo menos um dia se perguntou e se angustiou com uma questão parecida: *para que eu estou aprendendo isso?* Essa pergunta nasce da inquietação de sentir que a sua própria identidade não está no centro da educação, nem da elaboração do conhecimento. Ora, quais são os objetos de estudo da educação afinal, se não estes? A Pedagogia Griô abre a roda e traz a identidade e a ancestralidade para o seu centro.

Como nos mostra o modelo a seguir, toda ciência gira como uma espiral em volta da identidade, para formá-la local, regional, planetária e universal, como cultura que expressa a vida, como vida que se expressa cultura. A Pedagogia Griô facilita processos vivenciais e rituais de iniciação, em que o grupo se torna um território de identidade. O grupo é o continente afetivo e cultural para que cada identidade se expresse e se conecte

com a sua ancestralidade. Para a conexão com a ancestralidade é facilitada a conexão com os mitos, os arquétipos, os símbolos, os rituais, artes e ofícios de povos e comunidades de culturas tradicionais de transmissão oral. E para diferenciação e expressão da identidade é facilitado a expressão dos sentimentos identitários, das histórias de vida, do projeto de vida, bem como da participação política na comunidade e grupo de pertencimento.

Vivência

A vivência é o instante vivido que marca, afetivamente, a corporeidade, a consciência e o inconsciente da identidade em direção a evolução da vida. A vivência acontece e tem fim em si mesma. Deflagra de forma integrada instintos, emoções, movimentos, percepções, símbolos, significados que conectam o ser com o seu sentimento da vida. Ativa a consciência guia da corporeidade selvagem do ser humano para a criação de uma cultura a favor da diversidade da vida e dos povos. A vivência é o instante vivido pleno de sentido, é o sentir-se vivo, que nos conecta com a expressão da vida no universo.

Para potencializar a expressão da vida, a vivência, Rolando Toro, criador do sistema de desenvolvimento humano Biodança – a dança da vida, criou um modelo simples com três categorias fundamentais – o movi-

mento (a dança), a música e a emoção. Este modelo é referência para a elaboração do modelo de facilitação de vivências na Pedagogia Griô que veremos nas páginas que se seguem.

Modelo técnico operatório da biodança para facilitar vivências

Segundo Rolando Toro, a Música é uma linguagem universal, na Biodança tem a função essencial de evocar vivências. As músicas utilizadas na Biodança passam por um estudo de seus conteúdos emocionais, antes de serem incorporados ao Sistema, com a finalidade de avaliar os efeitos orgânicos que provocam e o tipo de vivência que evocam. A Dança é todo movimento e gesto pleno de sentido: o caminhar, o ninar, o reverenciar, afagar, olhar, saltar, bater palmas, acenar, deitar, lutar são exemplos. Rolando e os facilitadores de Biodança sistematizaram um repertório diverso de gestos e movimentos humanos que são organizados nas cinco linhas de vivências, relacionadas à expressão dos instintos e emoções. E a emoção é uma manifestação que surge no processo e transformação dos instintos em cognição e este processo só pode ser deflagrado pela vida social e cultural.

Importante diferenciar o conceito de vivência na Pedagogia Griô, do conceito de dinâmica de jogo e de experiência em diversas práticas de educação. A dinâmica é conduzida com regras flexíveis que estimulam exercícios estruturados de comunicação em grupo com o objetivo de integração e de potencializar habilidades cognitivas e afetivas da identidade dos participantes, o jogo é conduzido por regras claras com o objetivo do ganho ou da perda, a experiência é conduzida com o objetivo de exercitar uma prática, adquirindo habilidades cognitivas, afetivas e motoras para realizá-la. A vivência se dá por si mesma, pelo sentimento da vida, pela comoção de estar vivo aqui e agora, tem o fim em si mesma e não pode ser conduzida, apenas facilitada e possibilitada. Assim, no sistema Biodança, a vivência pode ser deflagrada num ambiente de facilitação e reeducação afetiva com a música, a dança e a emoção.

Modelo de Ação Pedagógica

Na Pedagogia Griô, propomos um Modelo de Ação Pedagógica que facilite processos vivenciais de potencialização da identidade, vínculo com a ancestralidade e celebração da vida. Assim, revisamos o triângulo do modelo operatório do Sistema Biodança, proposto por Rolando e incluímos outro triângulo, formando uma

estrela de seis pontas. Organizamos conceitos relacionados com a linguagem, a elaboração, a transmissão e a aprendizagem de conhecimentos no universo das culturas tradicionais de transmissão oral. O Modelo de Ação Pedagógica traduz o modelo proposto por Toro para o contexto cultural da comunidade. No lugar da música universal, os cantos e cantigas tradicionais, no lugar da dança, as danças, brincadeiras e dramas tradicionais e no lugar das emoções, os sentimentos identitários de pertencimento da comunidade onde atua. Acrescenta-se às categorias propostas por Toro, novas categorias no modelo, quais sejam: os mitos, arquétipos e histórias de vida, os ritos e símbolos e as ciências dos saberes e fazeres tradicionais que não serão conceituados neste texto, apenas listados no modelo que se segue:

- músicas, cantos, sons e instrumentos da tradição oral e ancestral de um povo;
- movimentos, gestos arquetípicos, danças e brincadeiras da tradição oral e ancestral de um povo;
- emoções, sentimentos, sentidos identitários da tradição oral e ancestral de um povo;
- ritos e símbolos que são reelaborados como rituais de vínculo e aprendizagem da tradição oral e ancestral de um povo;

- Mitos e arquétipos da tradição oral e ancestral de um povo, relacionados a histórias de vida de heróis do cotidiano e ancestrais, com suas lutas e projetos sociais, políticos e econômicos;
- Ciências da vida, das artes e ofícios tradicionais, dos saberes e fazeres que celebram e sustentam a vida da comunidade.

Rituais de vínculo e aprendizagem

As práticas pedagógicas da Pedagogia Griô são dialógicas, vivenciais, corporais, ritualísticas fundadas na oralidade. Foram elaboradas ou reelaboradas ao longo dos últimos vinte anos, em minha prática pedagógica como educadora biocêntrica e em parceria com Márcio Caires em sua iniciação com Mestres Griôs, durante atividades educativas e culturais dos projetos que escrevi e coordenei pedagogicamente: Grãos de Luz e Griô, Ação Griô Nacional, Trilhas Griôs, Universidade Griô. Só se incorporam efetivamente às práticas de Educadores Griôs e Griôs aprendizes que as vivenciam e que, progressivamente, compreendem afetivamente os conceitos discutidos anteriormente.

Categoria 1 – Rituais Griôs - a caminhada Griô, louvação Griô, ocupação Griô, trilha Griô, oficina de saberes Griôs; cortejos e mutirões Griôs;

Categoria 2 – Rituais de identidade e ancestralidade - roda de bênção e permissão, rodas de contação de histórias, rodas de jogos de versos, ladainhas, improvisações e repentes, brincadeiras de roda, rodas de harmonização, rodas de embalo, rodas de expressão da identidade, rodas de integração, roda da vida e das idades, danças de luta, plantação e colheita, roda de comunhão, chamamento do nome, reverência à identidade e a ancestralidade;

Categoria 3 – Rituais de passagem: do nascimento, das idades, da formatura, do casamento, dos projetos existenciais – o que quero fazer, onde quero viver, com quem, da cura, da morte, rituais dos quatro elementos; rituais de alimentação;

Categoria 4 – Rituais dialógicos, aulas espetáculo, encontros dialógicos, círculo de cultura, jogos cooperativos, painel integrado e textos coletivos, dramatização dos níveis de consciência, roda de qualificação em rede;

Na Pedagogia Griô, os rituais e símbolos das diversas culturas e comunidades tradicionais são aprendidos e reelaborados pedagogicamente pelo modelo de ação pedagógica, sendo traduzido para os *rituais de vínculo e aprendizagem* no sentido de potencializar suas qualidades arquetípicas geradoras de vivências, que facilitam a expressão da identidade, o vínculo com a ancestralidade, a elaboração do conhecimento e a celebração da vida.

Na tabela que se segue, analisamos diferenças entre categorias metodológicas das rotinas cotidianas de grande parte das salas de aula nas escolas do Brasil, em relação ao Ritual de Vínculo e Aprendizagem, referencial fundamental para as práticas vivenciais afetivas e culturais da Pedagogia Griô.

CATEGORIAS

Nas rotinas da maioria das escolas

No Ritual de Vínculo e Aprendizagem da Pedagogia Griô

O QUE ESTÁ NO CENTRO DA EDUCAÇÃO

Os assuntos, as disciplinas, as avaliações. } A identidade, a ancestralidade, a celebração da vida.

A ARQUITETURA E O ESPAÇO PEDAGÓGICO

Em fila e em sala de aula, entre quatro paredes e entre muros, com uma sociometria hierarquizada por valores da cultura hegemônica. } Em roda, em diversas formas de vínculo consigo, com o outro e com o grupo. Utiliza as ruas, as praças, as associações, as oficinas, o rio, a plantação, as casas, os quintais, as cozinhas, os terreiros, as roças e todos os espaços de saberes e fazeres da comunidade.

CHAMAMENTO DO NOME E DA PRESENÇA DO ESTUDANTE

Em chamadas do nome ou número da caderneta do professor, em arguições, em reclamações ou em convites para a diretoria. } O chamamento do nome é compartilhado por meio de rodas de bênçãos e afirmação da identidade - Eu sou (nome). Por meio da expressão do movimento, da voz, do sentimento, do gesto, através de rituais, danças e brincadeiras de chamamento e grito do nome, em cantorias tradicionais, em toques de instrumentos, em redes e rodas de conversa, em cortejos e louvações e, principalmente, em rodas de contação de sua própria história.

AUTORREGULAÇÃO ORGÂNICA

Não existe hierarquia e valorização da mente sobre o corpo, sedentarismo por horas e horas sentados nas cadeiras. } Curva da vivência estudada e planejada para facilitar a fluidez e o tempo orgânico do sistema neuro-vegetativo entre ativação e relaxamento, segundo sistema de desenvolvimento humano Biodança.

MUSICALIDADE DO AMBIENTE

Barulhos, gritos, diversas vozes dissonantes, voz do professor (que na maioria passa a ter problemas nas cordas vocais), sirene de polícia ou ambulância para a merenda, silêncios ausentes dos alunos. } Cuidado com o ritmo, com a melodia e a harmonia, cantos e cantigas tradicionais, vozes e sons de Mestres Griôs, de instrumentos tradicionais, valorização do silêncio pleno de sentido e musicalidade em

diálogo com a valorização do poder da escuta e da palavra.

MOVIMENTO DOS ESTUDANTES

Sedentarismo na sala de aula e correria na hora da merenda. Expressão da danças, dos gestos, das brincadeiras, dramas e lutas tradicionais, cuidado com a beleza autoplástica, o ritmo, a melodia e a harmonia do movimento, facilitação das categorias de movimento (ritmo, coordenação, flexibilidade, elasticidade, sinergismo, agilidade, leveza, fluidez, graça).

EMOÇÕES E SENTIMENTOS VIVENCIADOS NO DIA A DIA

Alegria pelo encontro com amigos ou quando tira boas notas, indignação e rebeldia na relação com a autoridade, intolerância na convivência com as diferenças, impotência em relação a transformação da instituição ou em relação a dificuldades de aprendizagem, falta de prazer pela obrigação do estudo. Respeito na relação com os mais velhos e mais novos, dignidade na luta pela liberdade e transformação social e cultural, sentimentos identitários e de pertencimento a escola, a sua etnia e comunidade, ampliação da percepção e sentido da vida, prazer por elaborar o conhecimento, afeto pelo vínculo consigo, com o outro, com o grupo e com a natureza.

OS MITOS COMPARTILHADOS

Na maioria, mitos eurocêntricos e cristãos, da mídia, da luta entre o bem e o mal. Mitos africanos, indígenas e brasileiros relacionados às histórias de vida, às ciências e às artes,

A maioria dos mitos identitários são folclorizados e espetacularizados em festas e datas comemorativas. Interpretados e conscientizados para potencializar a expressão da identidade e vínculo com a ancestralidade. Numa perspectiva pluri-inter-transcultural.

HISTÓRIAS DE VIDA COMPARTILHADAS

Alguns heróis e personagens nos livros, a maioria sob a ótica das classes dominantes e da história da Europa e dos Estados Unidos. Histórias de vida dos heróis negros, indígenas e dos brasileiros, dos heróis do cotidiano, líderes de projetos de vida da comunidade e representantes da cultura do seu povo. Histórias de vida em interação com a história do Brasil e do mundo. Numa perspectiva pluri-inter-transcultural.

ABORDAGEM DOS SABERES E FAZERES DA COMUNIDADE NO CURRÍCULO

No geral são as ciências universais e escritas que são abordadas, dissociados dos conhecimentos dos estudantes e suas famílias e de forma disciplinar. Os saberes e fazeres da comunidade são espetacularizados, folclorizados, diagnosticados e denominados populares, ou denominados pela negação (dos analfabetos, não letrados, não acadêmicos, informais). Os saberes e fazeres são considerados erudições e histórias de vida dos Mestres Griôs do universo da tradição oral, das famílias e comunidade em geral, em diálogo com as ciências universais, mitos e linguagens artísticas. Numa perspectiva pluri-inter-transcultural.

METODOLOGIA DE ELABORAÇÃO DO CONHECIMENTO

Tecnicista, racionalista, expositiva, abstrata, conteudista, disciplinar e escrita.

O ritual é transformado em rotinas de aulas. O conhecimento é transmitido, repassado.

Parte da vivência e do diálogo que prioriza a inteligência afetiva, a oralidade, a corporeidade, os níveis de consciência.

Os ritos do dia a dia são reelaborados e intensificados como rituais de vínculo e aprendizagem.

Integração entre ciência, mito, arte, histórias de vida, saberes e fazeres de tradição oral.

O conhecimento é elaborado, compartilhado consigo, com o outro com o grupo.

O LUGAR OCUPADO PELOS EDUCADORES

Os educadores ocupam o lugar de detentores e transmissores do conhecimento.

Os educadores, junto aos Griôs aprendizes, ocupam o lugar de facilitadores e mediadores do diálogo e da vivência entre diversos atores e autores do conhecimento: os Mestres Griôs, as famílias, os educandos e os próprios educadores e Griôs Aprendizes.

AValiação

A maioria são avaliações por notas em provas e testes

Baseada em autoavaliação dialógica de processos e

escritos. Avaliações por nota em seminários. indicadores afetivos, culturais e científicos diversos, pré-estabelecidos de forma

Avaliação por notas em participação, frequência, produção de trabalhos e exposições. participativa entre todos os participantes, educadores e educandos, Mestres Griôs e Griôs Aprendizes.

Autoavaliação em rodas de qualificação do crescimento de cada um, comparado consigo mesmo, antes, durante e depois dos processos.

Avaliação pública em produções artísticas e científicas coletivas.

Este texto se finaliza antes de conceituar as palavras geradoras do modelo de ação pedagógica e de descrever as práticas da Pedagogia Griô. Apenas foram listadas. Serão abordados com detalhes no próximo livro que está em edição, com relatos e materiais pedagógicos que construímos em rede, num trabalho delicado e amoroso de tantos coautores, parceiros da vida com quem somos aprendizes e, ao mesmo tempo, autores.

Para finalizar, peço a bênção Mãe Doci e Mestre Alcides em nome de todos os Mestres Griôs da comissão nacional, da Rede Ação Griô Nacional e ao Curador Dunga, em nome de todos os Mestres Griôs de Lençóis-Bahia, para continuar esta caminhada.